

Eficiência energética

Eis o bonde da oportunidade

Por Wilson Teixeira

Até parece que foi coisa combinada. Simultaneamente à publicação do Relatório da Organização das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, foi divulgado no Brasil o texto final da Regulamentação para Etiquetagem Voluntária de Nível de Eficiência Energética de Edifícios Comerciais e Serviço e Públicos, referente ao artigo 4º da Lei 10.295, de 17 de outubro de 2001, que dispõe sobre a política nacional de conservação e uso racional de energia.

O mecanismo de avaliação da conformidade de eficiência energética dos edifícios, adotado pelo governo brasileiro, será a etiquetagem, no âmbito do Programa Brasileiro de Etiquetagem (PBE), coordenado pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro).

Com um atraso de cerca de 15 anos em relação ao EPACT '92, norte-americano, e um pouco mais em relação à primeira regulamentação européia e à paquistanesa, estamos nos preparando para subir mais um degrau rumo à modernidade ambientalmente consciente. Embora tardio, o momento não poderia ser mais adequado, pois a consciência verde é, sem dúvida, a bola da vez em todo o mundo, e assim deverá permanecer por um bom tempo.

O período de aplicação voluntária da regulamentação será de cinco anos, tornando-se compulsória a partir de 2012. Entretanto, há claros sinais de interesse de sua adoção sistemática em vários segmentos da economia. A necessidade de uma certificação brasileira, capaz de separar o joio do trigo, era tão latente, que alguns incorporadores arrojados, já buscavam alternativas para tornar "verdes" seus empreendimentos no exterior, como, por



exemplo, o selo Green Building do Leadership in Energy and Environmental Design (LEED).

A classificação dos edifícios brasileiros se baseia na média da pontuação alcançada na avaliação dos seguintes quesitos: sistema de iluminação, sistema de ar-condicionado e envoltória da edificação. Desta forma, o bom desempenho de um dos quesitos, isoladamente, não será suficiente para receber a classificação máxima. Mas, o mau rendimento de um deles será suficiente para derrubar o resultado final e malograr as aspirações de um empreendedor que pretenda

valorizar seu investimento, com o selo.

Integra também o rol de exigências, a contribuição de profissionais especializados nos mecanismos que promovam a eficiência energética nas construções. E, à semelhança do que já vem ocorrendo em outros países, nos trilhos dessa modernidade ambientalmente consciente, circulará um bonde da oportunidade. Depende de cada um, preparar-se para pegar ou não esse bonde, pois, para a obtenção dos níveis mais elevados de classificação, haverá a necessidade, por exemplo, de simulação computacional com programas que atendam a ASHRAE Standard 140.

Como previu Alvin Toffler, em seu livro Powershift, cada vez mais, o mundo estará dividido entre os rápidos e os lentos. Aos retardatários no processo de etiquetagem do nível de eficiência energética de edifícios restará o consolo de ficar a pé, vendo o bonde da oportunidade desaparecer na curva da primeira esquina, levando os que foram mais ágeis. ◀

Wilson Teixeira é consultor de performance energética em edificações.